

NOTA DO AUTOR

Esta é uma obra de ficção, baseada num facto real: a queda do avião da TWA, Voo 800, que teve lugar ao largo de Long Island, Nova Iorque, a 17 de Julho de 1996.

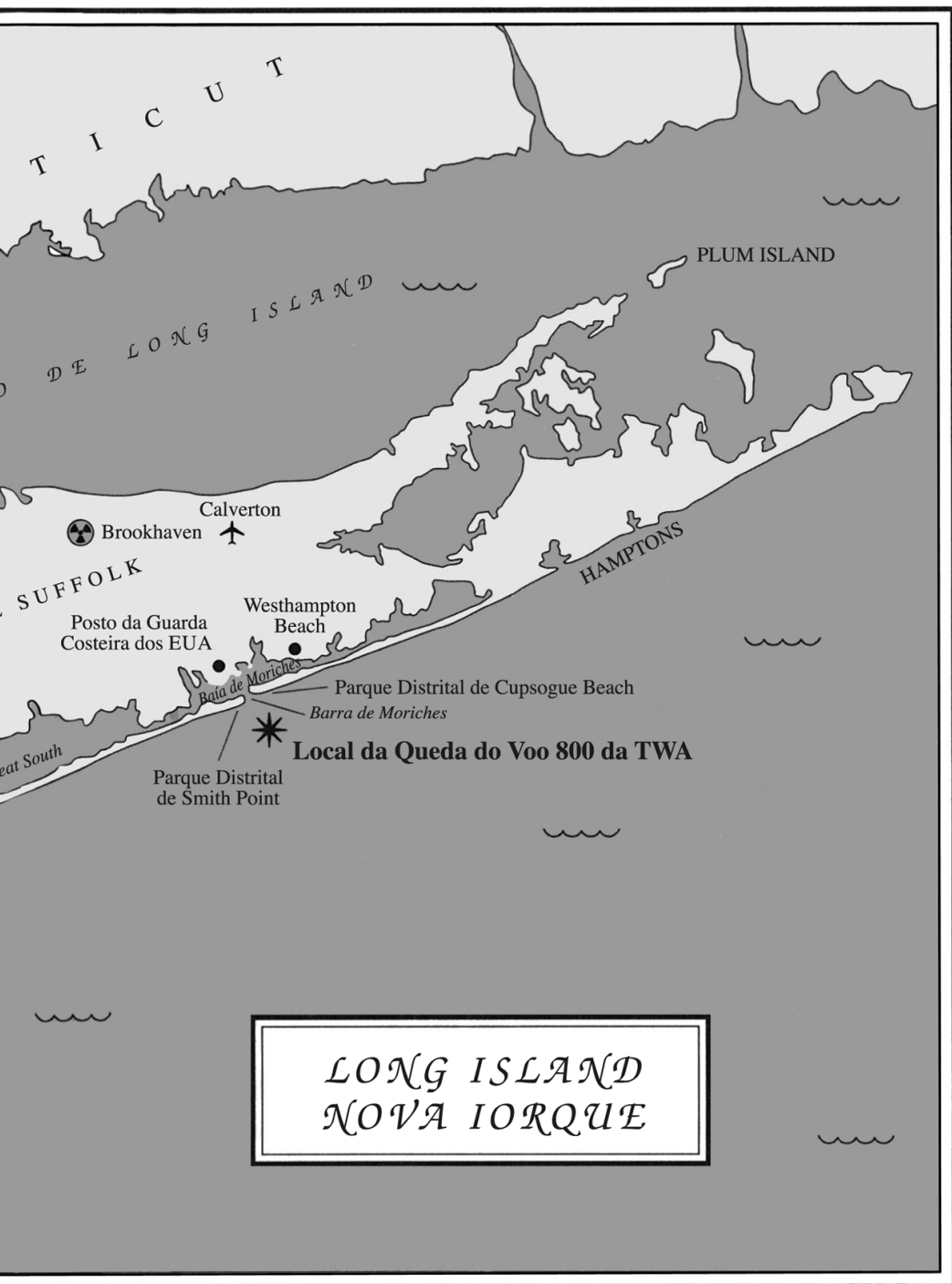
As personagens deste romance são fictícias, embora existam referências ocasionais a pessoas reais.

Os acontecimentos de 17 de Julho de 1996, que descrevo neste livro, e a consequente investigação do despenhamento, são baseados em relatos publicados, bem como em entrevistas que fiz a investigadores que trabalharam neste caso e a testemunhas oculares do embate.

A causa oficial do despenhamento é falha mecânica, apesar de existirem teorias contraditórias que apontam para causas mais sinistras desta tragédia. Tentei representar todos os lados desta controvérsia e ser rigoroso no que diz respeito aos depoimentos das testemunhas oculares, às provas forenses e aos pormenores da subsequente investigação. No entanto, assumi liberdades dramáticas e ousadia literária em casos em que existem provas contraditórias.

Este livro é dedicado à memória dos passageiros e da tripulação do Voo 800 da TWA, que perderam as suas vidas na noite de 17 de Julho de 1996, e às suas famílias e entes queridos, bem como às centenas de homens e mulheres que participaram nas operações de resgate e recuperação e nas subseqüentes investigações da causa desta tragédia.





*LONG ISLAND
NOVA IORQUE*

PRIMEIRO LIVRO

17 de Julho de 1996

LONG ISLAND, NOVA IORQUE

Pois assim será sempre
Um segredo, bem guardado de todos:
Entre ti e mim.

LEWIS CARROLL, *Alice no País das Maravilhas*

CAPÍTULO UM

Bud Mitchell conduzia o seu *Ford Explorer* ao longo da Estrada da Duna. Diante de si estava um letreiro que dizia PARQUE DISTRITAL DE CUPSOGUE BEACH — ABERTO DE SOL A SOL. Era o crepúsculo, mas Bud conduziu através de uma área de estacionamento vaga, no extremo da qual havia um largo caminho pedestre, parcialmente bloqueado por uma vedação levadiça. Num dístico lia-se INTERDITO A VEÍCULOS.

Disse para a mulher sentada no lugar do passageiro:

— Tens a certeza de que queres fazer isto?

Jill Winslow respondeu:

— Sim, é excitante.

Bud anuiu sem entusiasmo. Contornou a vedação e continuou no seu todo-o-terreno ao longo do trilho arenoso flanqueado por altas dunas, cobertas de erva.

Praticar sexo extraconjugal devia ser suficientemente excitante para ambos, pensou ele, mas Jill não era da mesma opinião. Para ela, enganar o marido só valia a pena se o sexo, a aventura romântica e a excitação fossem melhores do que em casa. Para ele, quebrar o tabu de fazer sexo com a mulher de outro homem era a grande excitação.

Por volta do seu quadragésimo aniversário, Bud Mitchell chegara à espantosa conclusão de que as mulheres são diferentes. Agora, cinco anos depois e já envolvido neste caso há dois anos, compreendeu que as fantasias de Jill e as suas não estavam a comunicar muito bem. No entanto, Jill era linda, receptiva e, mais importante, era a mulher de outra pessoa, e queria continuar assim. Para ele, sexo seguro era o que se fazia com uma mulher casada.

Um dado de excitação complementar para Bud era que ele e a sua mulher, Arlene, frequentavam os mesmos círculos sociais que Jill e o marido, Mark. Quando os quatro estavam juntos numa reunião social, Bud sentia o oposto de embaraço ou culpa: sentia-se maravilhosamente, o seu ego não conhecia limites e regalava-se com o conhecimento secreto de ter visto todo e qualquer pedaço do corpo nu da bela Jill Winslow.

Mas não era *esse* o segredo, obviamente, senão não teria sido tão divertido. No início do caso amoroso, quando ambos se sentiam nervosos por poderem ser apanhados, juraram um ao outro que não contariam a ninguém. Apesar disso, ambos tinham implicitamente aceitado a necessidade de confidenciar a amigos íntimos, com o único propósito de arranjar histórias que justificassem as suas ausências do conforto dos lares. Bud imaginava sempre quem poderiam ser as amigas dela e, nas reuniões sociais, divertia-se a tentar adivinhar.

Tinham vindo em carros separados desde as suas casas, na Gold Coast de Long Island, a cerca de noventa quilómetros de Westhampton, e Jill estacionara numa aldeia onde se encontravam, seguindo depois para um hotel juntamente com Bud, no seu *Explorer*. No hotel, Bud perguntara-lhe qual era a história dela e obteve como resposta uma única palavra, por isso, voltou a perguntar:

— Onde vais esta noite?

— Jantar com uma amiga que tem uma casa em East Hampton. Amanhã, vou às compras — acrescentou. — Esta parte é verdade, uma vez que tens de estar em casa de manhã.

— Essa amiga alinha nisso?

Ela soltou um suspiro de desespero.

— Sim. Não te preocupes com isso.

— Está bem.

Bud notou que ela nunca queria saber da sua história, como se quanto menos soubesse, melhor. Ele adiantou:

— Eu estou a pescar com amigos. No mar, o telemóvel não tem boa recepção de chamadas.

Jill encolheu os ombros.

Bud Mitchell compreendia que, à maneira deles, tanto ele como Jill, amavam os seus cônjuges chatos, amavam os seus filhos, e as suas vidas confortáveis de classe média alta. Também se amavam reciprocamente, mas não o suficiente para porem tudo de lado e viverem juntos sete dias por semana. Três ou quatro vezes por mês parecia ser o bastante.

O percurso acabava numa duna de areia e Bud parou. Jill disse:
— Vai em direcção à praia.

Bud saiu do caminho arenoso em direcção ao mar.

O *Explorer* desceu uma vertente ligeira através de moitas e sargaços, enquanto contornava uma duna elevada. Parou no extremo da duna, onde o veículo não podia ser visto. O relógio do painel de instrumentos marcava 19:22.

O Sol estava a afundar-se no Oceano Atlântico e ele reparou que o próprio oceano estava calmo como um lago. O céu estava claro, à excepção de algumas nuvens esparsas.

— Linda noite — comentou.

Ela abriu a porta do seu lado e saiu. Bud desligou o motor e seguiu-a.

Sondaram a extensão branca do areal que terminava à beira do mar, a cinquenta metros dali. A água cintilava com manchas douradas ao Sol poente e uma brisa suave, soprando do interior, fazia restolhar as aveias-do-mar nas dunas.

Bud olhou à volta para ver se estavam sós. A Estrada da Duna era o único caminho de entrada e saída daquela ilha de barreira e ele tinha visto alguns carros a sair das praias, regressando a Westhampton, mas não vira carros dirigirem-se em direcção a eles. A ilha estreita terminava a uns cem metros a oeste, na Barra de Moriches, e no outro lado do braço de mar ele podia ver o limite do Parque Distrital de Smith Point, em Fire Island.

Era quarta-feira, por isso os frequentadores de fim-de-semana estavam de volta à cidade, e quem quer que restasse estava concentrado na hora do *cocktail*. Além disso, estavam a cerca de oitocentos metros do local onde, supostamente, paravam os veículos. Bud disse:

— Creio que temos a praia toda para nós.

— Era o que eu te dizia.

Jill rodeou o *Explorer* e abriu a porta de trás. Bud juntou-se a ela e retiraram alguns objectos, entre os quais uma manta, uma geleira, uma câmara de vídeo e um tripé.

Descobriram uma depressão abrigada entre duas dunas cobertas de ervas, e Jill estendeu a manta e a geleira, enquanto Bud montava o tripé e a câmara de vídeo. Tirou a tampa da objectiva, olhou através do visor e apontou a câmara para Jill, sentada em cima da manta, com as pernas cruzadas e descalça. Os últimos vislumbres vermelhos da luz do Sol iluminavam o cenário e Bud ajustou o *zoom* e premiu o botão «Gravar».

Juntou-se a Jill na manta e ela abriu uma garrafa de vinho branco. Ele tirou dois copos de vinho da geleira e ela encheu-os.

Tilintaram os copos e Bud disse:

— Às noites de Verão e a nós dois juntos — beberam e beijaram-se.

Ambos sabiam que a câmara de vídeo gravava as suas imagens e vozes e estavam ligeiramente embaraçados. Jill quebrou o gelo, dizendo:

— Então, vem aqui muitas vezes?

Bud sorriu e respondeu:

— É a primeira vez. E você?

Sorriram um para o outro e o silêncio tornou-se bizarro. Bud não gostava de ter a câmara apontada para eles, mas conseguia ver o aspecto positivo, quando voltasse para o quarto de hotel em Westhampton e passassem a cassete, quando estivessem a fazer sexo na cama. Talvez não fosse má ideia.

Beberam um segundo copo de vinho e, consciente de que a luz desaparecia, Jill foi directa ao assunto. Colocou o seu copo sobre a geleira, levantou-se e despiu a blusa de malha.

Bud levantou-se e despiu a camisa.

Jill deixou cair os calções de caqui e chutou-os para o lado. Ficou ali de pé, durante alguns segundos só com o sutiã e as cuecas vestidos, enquanto Bud se despia; depois, tirou o sutiã e fez deslizar as cuecas. Olhou de frente para a câmara, abriu os braços no ar, executou umas piruetas e, exclamando: «*Voilà!*», curvou-se para a câmara.

Abraçaram-se e beijaram-se e as suas mãos percorreram os corpos nus um do outro.

Jill levou Bud de frente para a objectiva, depois olhou para trás, para a câmara, e disse:

— Mamada. Cena Um.

Deixou-se cair de joelhos e começou a fazer sexo oral.

Bud ficou muito rígido enquanto os seus joelhos se tornavam elásticos. Não sabia o que fazer com as mãos e pô-las na cabeça dela, passando os dedos pelos seus cabelos castanhos e lisos.

Bud forçou um sorriso, sabendo que a câmara estava a captar a expressão do seu rosto; queria ter um ar feliz quando vissem o filme mais tarde. Mas, na verdade, sentia-se algo entre o idiota e o desconfortável.

Ele podia ser um pouco estouvado quando estavam em grupo, enquanto ela era normalmente de falinhas mansas e afectada, com um

sorriso descontraído, ou espirituosa. Na cama, no entanto, ele ainda se surpreendia com as loucuras sexuais dela.

Ela sentiu que ele estava quase a vir-se e balanceou-se para trás sobre as ancas e disse:

— Isto é um remate. Cena dois. Vinho, por favor.

Bud alcançou a garrafa de vinho.

Ela deitou-se de costas e agitou as pernas no ar, dizendo:

— Uma festa com sabor a esposa — afastou as pernas e disse:
— Entorna.

Bud ajoelhou-se entre as pernas dela e verteu o vinho; depois, sem esperar por indicações cénicas, introduziu a língua nela.

Jill respirava ofegante, agora, mas conseguiu dizer:

— Espero que tenhas a câmara bem apontada.

Bud levantou a cabeça para respirar e olhou de relance para a câmara:

— Sim.

Ela pegou na garrafa e entornou o resto do vinho sobre ela.

— Lambe.

Ele lambeu o vinho no ventre e nos seios rígidos dela e varreu-lhe os mamilos com a língua.

Após alguns minutos, ela sentou-se e disse:

— Estou pegajosa. Vamos tomar banho nus.

Bud pôs-se de pé e disse:

— Acho melhor irmos. Tomamos um duche no hotel.

Ela ignorou-o e, subindo ao cume da duna que os abrigava, olhou para o oceano.

— Anda lá. Monta a câmara aqui em cima e apanha-nos a tomar banho nus.

Bud não estava para discutir, por isso, dirigiu-se rapidamente para a câmara de vídeo, transportou-a com o tripé até ao cume da duna e espetou as pernas na areia.

Bud olhou por cima da areia, para o mar e o céu. O horizonte estava calmo, iluminado pelos raios moribundos do Sol, mas o mar e a água tinham agora tons de púrpura e azul-escuro. Por cima deles, podia ver algumas estrelas que começavam a aparecer e reparou nas luzes intermitentes de um avião que voava alto e no clarão de um grande barco no horizonte distante. Tinha-se levantado uma brisa que lhe refrescava o corpo nu e transpirado.

Jill olhou pelo visor e regulou para a luz do crepúsculo; depois, ligou a focagem automática no infinito e aumentou para uma imagem ampla. Premiu o botão «Gravar» e disse:

— Isto é tão lindo.

Bud respondeu:

— Talvez não devêssemos ir nus para a praia. Pode haver gente por aí.

— E depois? Desde que não os conheçamos, quem é que se importa?

— Está bem, mas vamos levar umas roupas...

— Vive o perigo, Bud.

Ela desceu a duna, escorregando e saltitando pela vertente até à praia. Bud observou-a, maravilhando-se com a nudez do seu corpo perfeito, enquanto ela corria para a água. Ela voltou-se para ele e gritou:

— Vem daí!

Bud desceu a ladeira a correr e atravessou a praia plana. Sentiu-se idiota a correr nu com o seu sexo oscilando na brisa.

Apanhou-a quando ela alcançava a água. Voltando-o para a câmara colocada na duna, ela acenou e gritou:

— Bud e Jill a tomar banho com os tubarões.

Pegou na mão dele e chapinharam no oceano tranquilo.

O choque inicial da água fria deu lugar a uma agradável sensação de lavagem. Pararam quando a água salgada do mar lhes dava pelas ancas e lavaram-se reciprocamente pela frente e por trás. Jill contemplou o mar.

— Isto é mágico.

Bud estava de pé ao lado dela e, juntos, olharam fixamente, hipnotizados, mar vítreo e o céu púrpura que se expandia diante deles.

À direita, Bud reparou nas luzes intermitentes de um avião, uns doze a quinze quilómetros para lá de Fire Island e a uma altitude de cerca de quatro mil e quinhentos metros. Bud observava o avião à medida que este se aproximava, com os últimos raios do Sol poente reflectidos nas suas asas. Deixava quatro traços paralelos no céu azul-escuro e Bud deduziu que tinha descolado do Aeroporto Kennedy, a cerca de dez quilómetros para oeste, dirigindo-se para a Europa. O momento sugeria romance, e então disse:

— Gostava de ir contigo naquele avião, para Roma ou para Paris.

Ela riu-se:

— Tu entras em pânico quando passas uma hora num motel barato. Como irias explicar Roma ou Paris?

Bud ficou aborrecido e disse:

— Eu não entro em pânico. Só tenho as minhas cautelas. Para teu bem — e acrescentou: — Vamos.

— Espera um pouco — apertou o rabo dele e disse: — Esta cassete vai queimar o ecrã da televisão.

Ele continuava aborrecido e não respondeu. Ela agarrou-lhe no pénis e disse:

— Vamos fazer amor aqui.

— Hum... — ele olhou para um e outro lado na praia, depois para a câmara que estava apontada para eles, no alto da duna.

—Vá lá. Antes que venha alguém. Como naquela cena do filme *Até à Eternidade*.

Ele tinha um milhão de boas razões para não fazerem sexo na praia, mas Jill estava bem agarrada à única razão para o fazerem.

Ela pegou-lhe na mão e levou-o para a beira-mar, onde a rebentação batia na areia molhada, e disse-lhe:

— Deita-te.

Bud deitou-se na areia onde o mar ia e vinha sobre o seu corpo. Ela deitou-se em cima dele e fizeram amor lenta e cadenciadamente, como ela gostava, fazendo a maior parte do trabalho ao seu próprio ritmo.

Bud estava um pouco distraído com a rebentação das ondas rolando sobre a sua cara e o seu corpo e estava ligeiramente tenso por estar tão exposto na praia. Mas no espaço de um minuto, o tamanho do seu mundo encolheu para a zona entre as suas pernas e nem teria dado por nada se um maremoto gigante se abatesse em cima dele.

Um minuto mais tarde, ela atingia o clímax e ele ejaculava dentro dela.

Ela ficou deitada em cima dele, ofegante, durante alguns segundos; depois, apertou-o com os joelhos e sentou-se. Começou a dizer alguma coisa, depois parou a meio da frase e contemplou o oceano.

— O que é que...?

Ele sentou-se rapidamente e seguiu o olhar dela na direcção da água, por cima do ombro direito.

Alguma coisa estava a subir da água e ele demorou um segundo a reconhecer um rasto de fogo laranja-avermelhado, incandescente, numa pluma de fumo branco. «Que raio...?» Parecia um foguete que tivesse sobrado do 4 de Julho, mas era enorme, demasiado grande — e vinha da água.

Ambos o viram subir rapidamente, a ganhar velocidade à medida que subia no céu. Parecia zigzegaguear e depois virou.

De repente, um clarão de luz surgiu no céu, seguido de uma enorme bola de fogo. Puseram-se de pé com dificuldade e olharam com os olhos esbugalhados, vendo pedaços de destroços em chamas

espalhando-se como chuva a partir do ponto da explosão. Cerca de meio minuto depois, o som de duas explosões em rápida sucessão rolou pela água e encheu o ar à volta deles, fazendo com que vacilassem instintivamente. Depois, o silêncio. A enorme bola de fogo pareceu permanecer suspensa no ar durante muito tempo, e depois começou a cair, quebrando-se em dois ou três pedaços de fogo, caindo a velocidades diferentes.

Um minuto mais tarde, o céu estava novamente límpido, à excepção do fumo branco e preto, iluminado de baixo pelas brasas dos fogos que ardiam no suave oceano, a quilómetros de distância.

Bud fitava o horizonte em chamas, depois o céu, depois novamente a água, com o coração a pulsar rapidamente.

Jill sussurrou:

— Ai, meu Deus... o que é que...?

Bud estava de pé, imóvel, sem compreender bem o que acabara de ver, mas no seu íntimo sabia que era algo terrível. O seu pensamento seguinte foi que, fosse lá o que fosse, era suficientemente grande e ruidoso para atrair gente à praia. Pegou no braço de Jill e disse:

— Vamo-nos embora daqui. Depressa.

Viraram-se e correram os cinquenta metros de areia e subiram a duna. Bud agarrou a câmara de vídeo e disse:

— Veste-te! Veste-te!

Ambos se vestiram rapidamente e correram na direcção do *Explorer*, Bud carregando o tripé e Jill carregando a câmara, deixando a manta e a geleira para trás. Atiraram o equipamento de vídeo para o banco de trás, saltaram para a frente e Bud pôs o *Explorer* a trabalhar e engatou a mudança. Estavam ambos a respirar pesadamente. Ele deixou as luzes desligadas e, com as rodas a patinar, conduziu até reencontrar o caminho pedestre e deu uma guinada à direita. Guiou cautelosamente no escuro, ao longo do caminho pedestre, atravessando depois a área do estacionamento e saindo para a Estrada da Duna, onde ligou as luzes e acelerou.

Nenhum deles falou.

Um carro da polícia aproximava-se vindo em sentido oposto e passou por eles a acelerar.

Ao fim de cinco minutos, podiam ver as luzes de Westhampton do outro lado da baía. Jill disse:

— Bud, eu acho que foi um avião que explodiu.

— Talvez... talvez fosse um foguete gigante... lançado de um batelão — respondeu Bud; e acrescentou: — Explodiu... como... um espectáculo de fogo de artifício.

— Não há foguetes que expludam assim. Os foguetes não ardem na água. Alguma coisa muito grande explodiu no ar e despenhou-se no mar. Era um avião.

Bud não respondeu. Jill disse:

— Talvez devêssemos voltar para trás.

— Porquê?

— Talvez... haja pessoas... que tenham saído. Eles tem coletes salva-vidas, lanchas de salvamento. Talvez possamos ajudar.

Bud abanou a cabeça:

— Aquela coisa desintegrou-se. Devia ir a uns três mil metros de altitude — e acrescentou: — A polícia já lá está. Não precisam de nós.

Jill não respondeu.

Bud virou para a ponte que dava para a aldeia de Westhampton Beach. O hotel deles ficava a cinco minutos de distância.

Jill parecia absorta nos pensamentos; depois, disse:

— O rasto de luz... era um projétil. Um míssil.

Bud não respondeu e ela continuou:

— Parecia um míssil que foi disparado da água e atingiu um avião.

— Bem... tenho a certeza de que ouviremos falar disso nas notícias.

Jill olhou de relance para o banco de trás e viu que a câmara de vídeo ainda estava ligada, gravando a conversa deles. Ela esticou-se para trás e pegou na câmara. Rebobinou a cassete, premiu o botão de leitura e olhou para o visor enquanto avançava rapidamente.

Bud olhou para ela de relance, mas nada disse.

Jill premiu o botão de pausa e disse:

— Consigo ver. Temos tudo gravado em cassete.

Passou a fita para a frente e para trás, diversas vezes e depois disse:

— Bud... encosta o carro e olha para isto.

Ele continuou a conduzir. Ela pousou a câmara de vídeo e repetiu:

— Temos tudo gravado em cassete. O míssil, a explosão, as peças a cair.

— Sim? E que mais vês aí?

— Nós.

— Pois é. Apaga isso.

— Não.

— Jill, apaga a cassete.

— Está bem... mas temos de a ver no quarto do hotel. Depois, apagamo-la.

— Eu não quero ver. Apaga-a. Já.

— Mas isto pode ser... prova. Alguém precisa de ver isto.

— Estás louca? Ninguém precisa de nos ver a fornicar numa cassette de vídeo.

Ela não respondeu.

Bud acariciou a mão dela e disse:

— Está bem, passamo-la na televisão do hotel. Depois, veremos o que dizem nas notícias. Em seguida, decidiremos o que fazemos, está bem?

Ela concordou com um aceno de cabeça.

Bud viu-a agarrada à câmara de vídeo. Ele sabia que Jill Winslow era o tipo de mulher que podia fazer o que, efectivamente, estava certo e entregar aquela cassette às autoridades, apesar do que pudesse causar-lhe pessoalmente. Para não falar dele. No entanto, ele pensava que, quando ela visse a cassette com tudo o que nela estava explícito, acabaria por cair em si. Se assim não fosse, ele poderia ter de apertar um pouco com ela.

— Sabes, a... como é que lhe chamam...? — disse ele. — A caixa negra. O registo do voo. Quando a encontrarem, saberão mais sobre o que aconteceu do que nós, ou do que mostra a cassette. O registo de voo. Melhor do que um gravador de vídeo.

Ela não respondeu.

Ele entrou e encostou no parque de estacionamento do Hotel Bayview.

— Nem sequer sabemos se era um avião — disse ele. — Vejamos o que dizem nas notícias.

Ela saiu do *Explorer* e caminhou em direcção ao hotel, transportando a câmara de vídeo.

Budd desligou o motor e seguiu-a. Pensou para si mesmo: «Não vou despenhar-me e arder como aquele avião.»